



## MEMÓRIA DISCURSIVA E IDENTIFICAÇÃO EM NARRATIVAS DE DESCENDENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS

Flávia Rosane Camillo Tibolla<sup>1</sup>  
Angela Derlise Stübe<sup>2</sup>

Esta pesquisa pretende analisar traços de memória discursiva e identificações à língua em narrativas de descendentes de imigrantes italianos. Pela materialidade da língua, pela discursividade e pelo gesto de interpretação, aspectos ideológicos e filiações a determinadas Formações Discursivas podem ser (re)velados no processo de enunciação desses enunciadores. Ao narrar suas histórias com as línguas com as quais convivem, os descendentes de imigrantes italianos produzem certos sentidos e, inconscientemente, significam e ressignificam dizeres e aspectos de sua constituição identitária. Seguindo o aporte teórico da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, a pesquisa apresenta, inicialmente, algumas reflexões teóricas dos conceitos de memória discursiva e traços identificatórios.

O *corpus* de análise da presente pesquisa foi constituído a partir de entrevistas semiestruturadas com descendentes de imigrantes italianos da terceira idade residentes no município de Concórdia - SC.

O município de Concórdia - SC foi colonizado por descendentes de imigrantes europeus e, entre estes, predominavam os de descendência italiana. Atualmente a população concordiense ainda é composta, em sua maioria, por descendentes de imigrantes italianos. Festejos, monumentos e outros elementos culturais ilustram a presença dos mesmos. Além disso, em 1998 foi oferecido, pelo projeto Magister, junto a Universidade local denominada Universidade do Contestado (UnC) – Campus Concórdia um curso de graduação para professores das redes estadual e municipal de Licenciatura em Letras Português/ Italiano. Os alunos que ingressaram na referida licenciatura tiveram a oportunidade de aprender a língua italiana e realizar intercâmbio com a Università per Stranieri di Perugia (IT).

Sendo assim, justifica-se a escolha dos referidos enunciadores pelo fato de que os mesmos constituíram-se num contexto de entre-línguas e ao falarem de suas experiências relativas a língua apontam traços identificatórios e de memória discursiva peculiares que (re)velam sujeitos clivados na e pela língua(gem).

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul - Câmpus Chapecó/SC, integrante do grupo de pesquisa Língua(gem), discurso e subjetividade, Professora da Rede Municipal de Concórdia –SC, flarosane@yahoo.com.br.

<sup>2</sup>Doutora em Linguística Aplicada. Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Linguísticos (UFFS), Campus Chapecó/SC (Orientadora)

## 1 Memória discursiva e traços identificatórios

Ao realizarmos entrevistas com os descendentes de imigrantes italianos, abre-se a possibilidade de analisar traços de memória desses enunciadores sobre a relação dos mesmos com a língua italiana e conseqüentemente traços de sua constituição identitária. Embora muitos estudos já tenham sido empreendidos sobre a constituição identitária dos descendentes de imigrantes ainda há muito a ser analisado. É por meio das cicatrizes discursivas que os esquecimentos serão interpretados, seguindo o viés da análise de discurso. Para Scherer (2006, p. 13), “essa cicatriz carrega consigo algo como uma espécie de origem, aquilo que constituiria o sujeito que somos”.

Esse sujeito, afetado pela língua e pela história, vai se pela memória discursiva<sup>3</sup> de dizeres que o envolvem e vão fazendo sentido em sua constituição.

Esses dizeres [...] são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com a exterioridade, suas condições de produção. (ORLANDI, 2012, p. 30).

Nessa mesma perspectiva temos a contribuição de Eckert-Hoff (2010). Segundo ela, esses dizeres não são neutros, eles vêm carregados de outros dizeres, são determinados pelo que pode ou não ser dito num determinado contexto histórico e assim vão tecendo o sujeito, constituindo-o, identificando-o. Essa relação com outros dizeres podemos interpretar no recorte que analisamos a seguir:

**RD1 [você aprendeu o português?] aprendi o português/ na marra (risos) [como na marra?] na marra porque foi na aula e o professor não aceitava falar o italiano/ e eu não sabia quase falar o italiano/dai ia / escutando os outros /e aprendendo uma palavra hoje/ uma amanhã /eu entendia né mas não sabia falar<sup>4</sup>**

No recorte discursivo (RD1), percebe-se que o enunciador, ao explicar como aprendeu a língua portuguesa, apresenta um elemento bastante significativo para o gesto interpretativo. Ao enunciar, “aprendi o português na marra”, o enunciador evidencia que houve um conflito ao entrar em contato com a língua portuguesa, um sentimento perturbador e silenciador quanto ao uso de sua língua. O fato de ter que falar em uma língua estranha a sua lhe fazia sentir-se uma ilha “*ia/ escutando os outros /e aprendendo uma palavra hoje uma amanhã /eu entendia né, mas não sabia falar*” e isto lhe tirava o sentimento de pertença. Se quisesse ocupar um lugar social, era preciso aprender “na marra” (a qualquer custo) a língua portuguesa; ou dizer-se na/por essa língua estranha era a possibilidade de inclusão, pois, assim eram as determinações políticas da época, ou seja, a

<sup>3</sup> Memória Discursiva é entendida aqui como aquilo que já significou e produziu sentidos em outros discursos. Segundo Orlandi (2012, p.31) é o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.

<sup>4</sup> Os recortes discursivos presentes nesse trabalho fazem parte de um *corpus* prévio constituído por dois entrevistados da terceira idade, residentes no município de Concórdia - SC. Ambos estudaram em escolas rurais na década de 50 e frequentaram até o quarto ano do Ensino Fundamental. No recorte discursivo o que está em negrito representa a fala do pesquisador e o que está em itálico é a transcrição da fala do entrevistado.

imposição quanto ao uso da língua portuguesa em cumprimento das diretrizes impostas pela política de nacionalização implantada no governo de Getúlio Vargas, sobretudo na década de 1930.<sup>5</sup>

Outra marca linguística importante que merece a atenção é: “eu não sabia quase falar o italiano”. O tópico da conversa era o português, no entanto, no fio do discurso, o enunciador comete o deslize e indicia uma relação tensa entre a língua portuguesa e a língua italiana. O enunciador era falante da língua italiana, mas no fio do discurso evidencia em seu deslize o quanto fora interdito pelas políticas de nacionalização, que perseguiam o apagamento da língua italiana. Depreendemos, no fio do discurso, essa interdição através da afirmativa “eu não sabia quase falar o italiano”. O enunciador não sabia falar em qual língua? Ele podia falar em italiano? Ele queria falar em português? Em sua narrativa é possível observar conflitos que podem ser percebidos a partir do gesto interpretativo do analista de discurso. É justamente a opacidade da língua que possibilita a existência de uma multiplicidade de sentidos ou então que aquilo que fora apagado ou silenciado surja novamente e produza novos sentidos.

Muitas vezes, as histórias constitutivas dos enunciadores ficam “aprimadas” em um corpo físico, na individualidade das mentes humanas. Para Coracini (2007, p. 19), permitir ou autorizar a narrativa do sujeito é a possibilidade de inscrever-se na história, conferir-lhe o poder de confrontar a história oficial com as histórias cotidianas e assim colaborar a “construção de sua própria identidade, da verdade sobre si mesmo”.

Nessa mesma perspectiva, Eckert-Hoff (2003) nos fornece mais elementos para esta reflexão também aproximando a noção da memória discursiva com a de interdiscurso e corroborando com os estudos referente ao tema:

É o fio discursivo (intradiscurso) que nos permite buscar os discursos-outros pela memória discursiva (interdiscurso), pois consideramos que tanto o intradiscurso como o interdiscurso fazem parte de uma cena discursiva sócio-histórico-ideológica. O intradiscurso remete-nos à rede complexa das formações discursivas (FDs), nas quais todo dizer está inserido, e dá as pistas para entender a exterioridade discursiva, o interdiscurso, discursos anteriores, que formam uma rede, uma trama que se entrelaça, cujos caminhos não podemos delimitar (*grifos nossos*). (ECKERT-HOFF, 2003, p. 275).

A língua dos descendentes de imigrantes italianos pode ser considerada parte dessa “cena discursiva”, que foi interdita devido a interesses políticos ao contexto sócio-histórico anteriormente citado. Nos discursos dos entrevistados, ao serem mobilizados a falar sobre suas experiências na relação entre-línguas-cultura, é possível capturar e interpretar silenciamentos, apagamentos e cicatrizes no que tange a sua constituição identitária pelo viés da língua(gem). Para Mariani (2004, p. 45), “falar uma língua é em si uma prática política”, e essa prática política possui consequências sobre os processos identitários.

O processo de nacionalização dos imigrantes europeus no Brasil contou com a intervenção pontual do Estado, durante o chamado Estado Novo, na década de

---

<sup>5</sup> Para maiores esclarecimentos sobre a política de Nacionalização vide estudos de Payer (2006) e Stübe (2008).

1930, quando foi oficialmente interdita a prática das línguas dos imigrantes. A interdição se deu através de legislações e de uma ampla campanha de nacionalização do ensino primário, que ao mesmo tempo implantou o português como língua nacional nas áreas de colonização estrangeira e interditou a prática dessas línguas estrangeiras. (PAYER, 2001, p.235).

Considerando que a língua desses descendentes de imigrantes foi interdita em decorrência dos ideários nacionalistas, na década de 1930, a presente pesquisa permite por meio dos traços de memória, das cicatrizes discursivas, observar aquilo que ficou encoberto, mas não apagado.

A relação tensa entre os descendentes de imigrantes italianos e o que lhes era imposto pelas diretrizes do governo afetou o funcionamento da sociedade em geral. De maneira especial, foi pela escola que o Governo pretendia erradicar as línguas dos imigrantes. Podemos depreender o exposto por meio do seguinte recorte discursivo:

**RD 2 [E na escola o professor falava (...)]**Só em português né/ na escola/ só em português/ ele não aceitava que os alunos falassem em italiano/então assim ele tava ensinando os alunos fala o/ português né **[Como que ele não aceitava?]** Ah isso eu nem lembro o porquê/ eu acho que era já no estudo dele/ o ///que é eu vou te dizer o porquê que ele não aceitava/ acho que eles queriam cortar a língua italiana/ eu acredito que foi isso.

No RD2, ao falar da escola, o enunciador remete-se ao período do Estado Novo, por isso, por meio de um gesto interpretativo e considerando as condições de produção da época, é possível entendermos que naquele período foi instaurado entre os descendentes de imigrantes italianos um sentimento de incertezas e de silenciamento da língua italiana. Ao ser interpelado pelo entrevistador, o enunciador afirma claramente que na escola não era permitido que se falasse em italiano e, logo em seguida, expressa em sua enunciação que desconhecia os motivos pelos quais a língua materna, neste caso, o italiano, lhes era tolhida. Observando o recorte “*Ah isso eu nem lembro o porquê*”, podemos inferir que na época estadonovista, os descendentes de imigrantes não recebiam explicações das decisões políticas que se instauravam, deveriam cumprir o imposto pelo processo ditador, ou seja, falar exclusivamente em língua portuguesa.

Aquele contexto, fortemente marcado pela repressão, foi constitutivo dos sujeitos, assim como explica Althusser (1970 p. 98-99), “toda ideologia interpela os indivíduos concretos como sujeitos concretos”. Ainda para Althusser (1970) a ideologia desempenha a função de produzir evidências discretas e impô-las de tal modo que o sujeito não perceba que está sob o efeito ideológico.

Por isso, nessa trama de constituição de sujeitos, constituídos pela língua e pela história, é importante discutirmos e analisarmos os traços identificatórios desencadeados por determinadas condições de produção. Outro fragmento significativo (re)velado no processo de enunciação e que destacamos nesta análise é: “*acho que queriam cortar a língua*”. O presente fragmento reforça o tópico anteriormente discutido sobre as incertezas instauradas quanto aos motivos de se silenciar uma língua para a difusão/predominância de outra. Orlandi (2007) nos aponta duas categorias de silêncio: o silêncio fundante e a política do silêncio (silenciamento). Para a presente análise trazemos



a categoria do silenciamento, buscando discutir o recorte acima mencionado. Ao enunciar “*queriam cortar a língua*” podemos interpretar que houve a interdição da língua materna e a imposição de uma língua estranha e nesse contexto os enunciadores foram se constituindo e se identificando às determinações ideológicas da época. Por meio dos escritos de Orlandi (2007), podemos afirmar que na política do silêncio, alguns sentidos são censurados correspondendo a determinadas relações de força e interesses.

Assim concebida, a censura pode ser compreendida como a interdição da inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas. Consequentemente, a identidade do sujeito é imediatamente afetada enquanto sujeito-do-discurso, pois, sabe-se, a identidade resulta de processos de identificação segundo os quais o sujeito deve-se inscrever em uma (e não em outra) formação discursiva para que suas palavras tenham sentido. Ao mudar de formação discursiva, as palavras mudam de sentido. (ORLANDI, 2007, p. 76).

Nessa relação de forças entre o autorizado e o negado, é importante destacarmos que na enunciação dos descendentes de imigrantes italianos há um processo de resistência de uma língua que deveria ser apagada, mas não foi; tal resistência é rememorada a partir de discursividades que foram constituindo esses sujeitos.

#### ***Para o momento... um ponto final***

Embora a pesquisa ainda ofereça a possibilidade de posteriores investigações, pode-se destacar que na constituição identitária dos descendentes de imigrantes italianos há marcas da língua italiana que não foram apagadas, tornaram-se cicatrizes que significam na enunciação. Para Orlandi (2010, p. 67), “o que foi censurado não desaparece de todo. Ficam seus vestígios, de discursos em suspenso, in-significados e que demandam, na relação com o saber discursivo, com a memória do dizer, uma relação equívoca com a margem dos sentidos, suas fronteiras, seus des-limites”.

É nítido, através do relato dos entrevistados, que as memórias quando revividas permitem que o sujeito se inscreva na história e, assim, possa desenrolar os fios do novelo que o constitui. É importante destacar que os sujeitos, para se inscreverem na história, precisam ter a ilusão que são a origem de seu dizer, conforme nos aponta Pêcheux, ao denominar o esquecimento 1(um).

Por meio das entrevistas pudemos perceber que estes enunciadores, no ato enunciativo, apontam marcas da língua italiana enquanto elemento constitutivo. Na inscrição dos descendentes de imigrantes italianos na/da língua, há marcas que continuam significando na discursividade. Isso nos possibilita a interpretação de que a constituição sujeito é atravessada pela língua e de que esta é indissociável do sujeito, são cicatrizes que não podem ser “arrancadas”, pois o sujeito é afetado pela língua de tal modo que a marca ou a cicatriz torna-se de fato parte do sujeito, constituindo-o, identificando-o.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. (1970) *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado*. 3.ed. Lisboa: Editorial Presença.
- CORACINI, M.J. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.
- CORACINI, M.J.; ECKERT-HOFF, B.M (Orgs). *Escrit(ur)a de si e alteridade no espaço papel-tela: alfabetização, formação de professores, línguas materna e estrangeira*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
- ECKERT-HOFF, B. Processos de identificação do sujeito-professor de língua materna: a costura e a sutura dos fios. In: CORACINI, Maria José R. Faria (org.). *Identidade e discurso*. Campinas: Unicamp, 2003.
- MARIANI, B. *Colonização lingüística: línguas, política e religião no Brasil (séculos XVI a XVIII) e nos Estados Unidos da América (século XVIII)*. Campinas: Pontes, 2004.
- ORLANDI, Eni P. *As formas do silêncio*. Campinas. Editora da Unicamp, 2007.
- ORLANDI, E. Maio de 68: Os silêncios da memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da Memória*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.
- ORLANDI, E.P. *Análise de Discurso: princípios e procedimento*. 10.ed. Campinas: Pontes, 2012.
- PAYER, M.O. A interdição da língua dos imigrantes (italianos) no Brasil: condições, modos, consequências. In: ORLANDI, Eni P. *História das Idéias linguísticas*. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre [et al.]. *Papel da Memória*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 6.ed. Campinas: Pontes, 2012.
- SCHERER, A.E. Subjetividade, inscrição, ritmo e escrita em voz. In: MARIANI, Bethania. *A escrita e os escritos: reflexões em análise do discurso e em psicanálise*. São Carlos: Claraluz, 2006.
- STÜBE NETTO, Angela Derlise. *Tramas da subjetividade no espaço entre-língua: narrativas de professores de língua portuguesa em contexto de imigração*, 2008. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Federal de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2008.